**Amor?**

**LAURA**

**LAURA –** Então... ela tinha sete anos. Ela teve uma diabetes infantojuvenil. Ela desmaiou mas na verdade ela teve uma parada cardíaca. Essa minha filha, ela tinha sete anos e a minha outra filha menor quatro anos. E aí acabou tudo, né... Meu chão saiu, entendeu? E o meu marido, coitado, ele saiu do emprego... logo depois que ela morreu ele saiu do emprego. Então nossa vida parou, né, a gente não tinha dinheiro pra nada, nada, nada, nada, nada, nada... Aí começou a beber, chegava em casa todo dia *trêbado*. Também não era aquele bêbado... sabe aquela coisa caracterizada de bêbado? Não, era bêbado mudo, a gente não trocava uma palavra. Aí eu fui ficando cada vez mais agressiva, assim, sabe, no sentido de... de destruir, mesmo o outro, sabe? Sei lá, no sentido canalha, sabe? Canalha, mesmo. Eu sempre fui muito agressiva, acho que era uma defesa minha. Então, tipo eu comprava alguma coisa, né, aí eu falava: “Aqui, ó, comprei. Você não consegue comprar.” Assim que eu falava. Aí, nesse meio tempo, ele foi recuperando a autoestima dele, sabe? Então eu agredia, ele agredia. Eu aguentava, ele aguentava, entendeu? Aí eu me lembro que uma vez... nem sei o que foi que eu falei, mas eu falei alguma coisa, assim, que aí ele me empurrou. “Me empurrou?”, eu falei. Eu empurrei também. Aí na mesma hora eu falei: “Ó, você não vai falar assim comigo não, entendeu?” Que eu tava me achando, né... Aí não teve dúvida: ele me pegou, me levantou, me jogou contra a parede. Aí eu bati, assim, com toda a força, fiquei inteirinha roxa, menina. Inteirinha. Ele saiu de casa, eu fui pra casa do meu irmão. Isso eram umas três horas da manhã. E só chorava, né, chorava... Aí no dia seguinte eu pedi pra ele sair de casa, ele saiu, foi pra casa dos pais dele, né, lá em Santo André. Aí, dois meses depois, tudo aquilo que eu queria que tivesse acontecido lá atrás, daí aconteceu. Porque tinha minha filha, Juliana, então ele ligava pra saber da minha filha, e tal. Mas ele ligava, assim, numa boa: “Vamos conversar...”, sabe? Daí a gente começou a namorar. A gente namorou o quê? Uns quatro, cinco meses. Foi o melhor período da minha vida. Menina, daí surgiu uma paixão tão madura, sabe? Tão respeitosa, a gente conversava sobre tudo, inclusive sobre o que aconteceu, né, então conversava, assim... Aí um dia ele falou: “Pô, você sabe, eu não queria ter feito aquilo, mas você sabe como é que eu sou, eu sou... eu tenho esses rompantes, sou explosivo mesmo, mas você provocou, né?” E eu provoquei, de fato eu provoquei.

**ENTREVISTADORA –** Que tipo de coisa ele desmerecia em você?

**LAURA –** Naquela época?

**ENTREVISTADORA –** É.

**LAURA –** Ele desmerecia tudo em mim. A coisa mais clichê, mais banal, assim, tipo, sei lá, você corta o cabelo, né, e o cara não fala nada. Pô, não é possível que ele não repare, né? Até acredito, tá, tudo bem, não repara. Mas é horrível, né? É horrível, pô. Ou então você faz um puta de um esforço pra perder três quilos. Três quilos, pra eu perder três quilos é difícil pra burro, né? Aí você põe aquela roupinha justa, faz tudo pra chamar a atenção, porra, e o cara não fala nada? Tá vendo, ela tá percebendo e não fala, não comenta? Não comentava, isso acaba comigo. Nessa retomada, sabe, um dia eu cheguei pra ele e falei assim: “Ô Marcos, por que é que você nunca me elogiou? Como é que a gente pode ter uma relação se eu não me sinto admirada por você?” Aí ele falou assim: “Mas eu admiro você.” Aí eu falei: “Mas precisa falar, né?” Aí ele falou: “Mas precisa?” “Precisa, é claro que precisa.” Aí ele falou assim: “Então você é daquele tipo de pessoa...” Não, como é que é? Ele falou assim: “Você é daquele tipo de pessoa que sempre precisa de um elogio?” Como se precisar de um elogio fosse um defeito, entendeu? Isso me perturbou um pouco a cabeça na época, mas aí um dia eu criei coragem e falei assim: “Olha aqui, Marcos, eu preciso de elogio. Eu preciso de elogio, a torcida do Corinthians precisa de elogio, entendeu? Todo mundo precisa de elogio, né?” Também tem outra coisa, porque tinha um problema assim: eu trabalhava muito, né, e esse negócio de cuidar de filho, cuidar de casa eu sempre fui um pouco negligente, sabe, assim, e ele se apropriava disso, ele usava isso. Porque isso, assim, seria o meu grande defeito, né, a impossibilidade de cuidar das minhas filhas, de sentar junto, de brincar, sabe? Coisa de... essa coisa meio... maternal mesmo, NE, que... Na verdade eu nunca tive muito saco, sei lá o que é que é, não tenho muita paciência, essa história... Não sou essa coisa maternal. Então eu chegava em casa e falava assim: “Ganhei outra grana! Ganhei outra causa!” “Tua filha Juliana ficou na escola até às seis horas da tarde.” Então, era direto a alimentar a baixa estima, né? Quando a gente voltou... você sabe que ninguém muda da água pro vinho, né? Então, o que é que aconteceu? Assim, só foi possível a gente continuar mesmo, por quê? Porque eu tive muita clareza dessa coisa ruim que ele faz. E de repente faz até hoje, entendeu? Sabe aquela história de mulher que gosta de apanhar? Aí eu fiquei pensando: “Pô, será que eu gosto de apanhar?” Mas não é que eu goste de apanhar, né, é que eu acho que às vezes você precisa apanhar, sei lá. Sabe criança que precisa levar um tapa pra ter limite? É isso, eu acho que foi meio por aí que eu vivenciei isso, entendeu? E tem outra história também, que eu trabalhei na minha terapia, que é a possibilidade de ser efetivamente mulher, entendeu? A partir do momento que eu assumi o meu papel de mulher, as coisas, o meu relacionamento, as coisas... o relacionamento se tranquilizou.

**ENTREVISTADORA –** Mas quer dizer que você precisou levar porrada pra assumir o seu papel de mulher?

**LAURA –** (risos) Exatamente. E ele assumiu o papel de homem depois que me deu a porrada, né... Porque passou a trazer dinheiro pra casa, pagar as contas, entendeu?

**ENTREVISTADORA –** Mas quando você disse que você assumiu esse papel de mulher, o que é que é exatamente isso?

**LAURA –** Não sei explicar... Mas um dia minha analista perguntou assim, sabe: “Por que você se casou com ele?” E aí eu respondi: “Porra”, falei assim, “ele é bonito pra caramba, é carinhoso” e tal, aí ela perguntou: “Por que você não demonstra isso pra ele, né?” Aí eu comecei a ser assim, uma pessoa mais carinhosa, entendeu? Apesar que a minha vida inteira eu sempre fui muito agressiva, eu descobri, assim, que eu sou uma pessoa carinhosa, né, uma pessoa meiga, carinhosa, derramada... Passei a rir, a ser uma pessoa alegre, debochada. Sou debochada. Aí eu tive um encontro, assim, com a minha delicadeza, entendeu? Foi, foi legal. Então, quando eu ia dormir, passei a abraçar o Marcos, passava a mão na cabeça dele. E se eu percebesse, assim, que ele tava meio esquisito, que tava meio jururu, aí eu falava assim: “Pô, o que é que você tem?” Carinhoso, mesmo, uma atitude carinhosa, entendeu? Receptiva, né? Isso é legal, assim, isso... isso muda muito, né... isso muda tudo com o mundo, né... É isso...

**FERNANDO**

**FERNANDO –** Lógico, isso tudo teve um início, né, pra mim um início muito claro: a minha mãe foi agredida. Quando eu era menino eu vi minha mãe ser agredida por algumas pessoas com quem ela se relacionou amorosamente. E uma determinada pessoa agrediu muito a minha mãe fisicamente, a ponto de eu pegar a minha mãe no meio da rua, assim, caída, desmaiada, e tudo. Até os meus 15, 16 anos, eu vivi esse processo. Eu tinha vontade de matar as pessoas que faziam isso com a minha mãe. Eu cheguei a pegar revolver uma vez pra tentar atirar nesse cara que fez isso com a minha mãe – que não era meu pai. Meu pai a agrediu umas poucas vezes. Porque uma coisa não justifica, mas na realidade a minha mãe levou meu pai à loucura. Minha mãe... minha mãe humilhava. Meu pai era oficial da Marinha, cara, e ela dizia: “Você é um analfabeto. Eu sou obrigada a viver uma vida com você aqui no subúrbio uma vida miserável, quando eu era louca pra viver na zona sul, ter uma vida boa. Só que você nunca vai conseguir me dar nada de mais porque você é um suboficial infeliz, com uma família pobre, tudo fodido...” – quando na verdade a família da minha mãe também era pobre. Porque o pai agrediu muito ela fisicamente quando ela era menina. Então ela já se insurgia contra a figura do marido, que era uma forma de agredir a figura do pai – ou talvez imitar ele. Quer dizer, eu, hoje em dia, eu vejo mais ou menos dessa forma. E eu, por desdobramento, eu comecei a agredir as moças com quem eu me relacionava. Que era uma forma de redimir a minha mãe sendo agredida. Eu lembro, eu tinha 18 anos, eu tinha 18 anos, agredi uma namorada minha. Coisa de jovem, ciúme, de falta de respeito... Mas ela me agrediu fisicamente também, com ciúme de uma moça. Ela tentou me dar um tapa no meu rosto, aí eu fui mais rápido e dei eu o tapa nela. Aí eu me acostumei a agredi-la, eu agredi ela muitas vezes. E isso é uma coisa de que eu me arrependo profundamente, era uma moça boa, uma ótima pessoa...

**CAROL**

**CAROL –** Essa pessoa que eu comecei a namorar, eu tinha 16 anos, foi o meu primeiro namorado, ele tinha 20, e era assim, eu achava que eu era um anjo na vida dele. A primeira coisa estranha que aconteceu foi assim: eu tinha um grupo, né, e a gente dançava forró, aí um dia eu saí pra dançar mas eu falei: “Não vou dançar hoje que eu tô cansada.” Aí eu fui no banheiro, aí tinha um moço que eu conhecia do forró, ele falou: “Vamos dançar?”, e eu falei: “Vamos, né...”, aí dancei com o moço. Aí nisso ele já ficou com aquela cara maravilhosa. Aí a gente saiu, ele não falou nada nesse dia, demorou tipo uns três meses pra ele tocar no assunto. Mas aí, tocar no assunto era toda briga que a gente tinha ele tocava no assunto: “Não, porque aquele dia você falou que não ia dançar e você dançou.” Aí começou o tom ameaçador, entendeu? Ele falava: “Aquele cara lá, você pensa que eu não fiz nada com ele?” Aí eu pensava: “Será que ele faz alguma coisa? Será que ele é capaz de fazer alguma coisa?” Eu ainda acreditava que ele ia mudar. Aí, lógico, tem uma hora que você chega e fala: “a pessoa não vai mudar de jeito nenhum, né...” Cai a ficha e você tenta terminar, eu tentei e ele começou a me ameaçar mais. Ah, me ameaçava assim: “Eu vou te matar, vou matar seu tio, vou matar sua mãe, vou matar a família inteira.” E no começo você escuta essa história, você acha: eu vou virar as costas e sair andando. Esse cara é louco, vou deixar ele falando sozinho. Mas, tipo, não é por aí, porque tem um histórico, tinha, né? Tinha esse desvio de personalidade dele que eu comecei a perceber. E eu não sabia o momento que ele tava falando a verdade e o momento que ele tava tentando me ameaçar pra que eu ficasse com medo dele.

**FERNANDO –** … sabe, o tempo foi passando e eu comecei a me viciar em agredir as pessoas, as mulheres com quem eu lidava, com quem eu transava. Sabe, às vezes eu partia pra agressão. Se a mulher não gostasse, aí eu recuava; agora, se gostasse, eu não tinha medida, podia até machucar. Em suma, isso aí vem de uma coisa mesmo que não tem explicação, né, e que pode se tornar um vício, um comportamento, sabe? Não, não… eu tenho duas filhas lindas, maravilhosas. Mas infelizmente eu agredi muito a minha esposa, sabe? Depois que as minhas filhas nasceram eu parei de agredir, né, quer dizer, mas a agressividade não parou completamente, né, bom… outros tipos de agressão continuaram. Mas a agressividade, assim, pesada, tipo *boxer*, isso teve um fim. Isso é uma coisa que me marcou profundamente, sabe, o fato de eu agredir a minha esposa. Uma mulher que só me fez bem, que me amava, né, e eu amava ela. Pô, e eu tive coragem de agredi-la. Porra, isso é uma coisa que eu não me perdoo, uma coisa que não tem explicação. Eu não sei se você já passou por alguma experiência dessa na sua vida, sabe… Se não passou, graças a Deus. Mas isso não depende nada de excepcional, não, sabe? Essas coisas, elas surgem das coisas mais triviais das relações humanas, sabe? A vontade de agredir, tudo é pretexto, é uma necessidade de agredir, sabe? É quase que fisiológico, sabe? Como você tem de… de comer… de cagar… de mijar… de foder… Entendeu? É uma necessidade de agredir. Aí depois que você dá vazão a essa porra desse instinto horroroso, aí você se arrepende. E tem gente que não se arrepende, né, isso que é pior. (celular toca) Você me dá uma licença aqui? É rapidinho. *Ola, amor. Si. Non, estoi aqui en la entrevista que te dije. Humhum.* É que ela tá querendo continuar, assim, escutando a conversa. Tem problema ou não?

**CAROL –** O sexo era uma coisa que eu fazia só pra acalmar ele. Eu não queria mais fazer, eu não conseguia mais nem olhar pra ele. Só que aí eu ia dando as desculpas, né, mas aí passava uma semana, passava duas semanas, aí na terceira semana já tava querendo me espancar. Aí eu fazia. Mas eu não podia transparecer pra ele que era uma coisa que eu não queria, porque às vezes ele me falava: “Você fez por obrigação?”, eu falava: “Não, por que você tá falando isso?”, aí ele me falava assim: “Você fez por obrigação, sim, dá pra perceber.” Só que se eu falasse: “Eu fiz por obrigação”, ele já ia cair matando em cima de mim, já ia soltar os cachorros. Então era o meu mecanismo de defesa, tipo, falava: “Beleza, então tá, hoje eu vou chegar querendo.” Porque aí ele ia ficar calmo e eu ia poder ficar um final de semana tranquila.

**FERNANDO –** Eu trabalhei com odontologia durante muito tempo. Fisicamente, eu não tenho dúvidas que as mulheres são mais fortes que os homens, sabe? A resistência da mulher à dor é infinitamente maior que a do homem, cara. Os homens se cagavam pra sentar na minha cadeira de dentista; as mulheres encaravam aquilo tranquilamente. Poucas foram as mulheres que manifestaram medo. Os homens, não, os homens chegavam a oferecer mais dinheiro pra não sentir dor. O homem, rapaz, o homem é um filho de uma mãe, mesmo, sabe? Ele tem que se desatrelar dessa porra desse Édipo, dessa dependência, desse cordão umbilical, sabe? Ou o homem se emancipa como ser humano ou ele vai continuar fazendo as mulheres sofrerem. Porque normalmente o homem, ele não sabe dar amor, não sabe retribuir amor, sabe? É egoísta, entendeu? Porque o melhor lugar é dele, a melhor comida é dele, porque o canal de televisão é dele, e isso é uma porra – que eu tô falando isso, parece que eu sou um parâmetro de excelência de comportamento, e eu não sou. Eu sofro dessas porras todas.

**CAROL –** Olha, teve uma situação agora... agora, no final do ano passado, já pertinho do término. Foi assim, eu liguei pra ele um dia e falei: “Não vem me buscar, não precisa que meu pai vai vir me pegar.” Aí ele falou: “Mas por quê?”, aí eu falei: “Porque o meu pai vai vir me buscar.” Aí já começou o tom ameaçador, meu estômago já embrulhava na hora, né, aí ele falou: “Tô indo te buscar, sim, porque você aprontou alguma coisa que eu não posso saber.” Aí ele foi me buscar e eu não conseguia rebater também, porque eu fazia tudo que ele mandava, ele falava: “Eu vou te buscar”, eu falava: “Vou”, “Vai fazer?”, “Vai”, porque eu tinha muito medo da reação dele, entendeu?, então eu não conseguia rebater mais nada do que ele falava. Aí eu entrei no carro e ele falou assim: “A gente vai pra minha casa e você vai tirar toda a sua roupa, e se eu achar alguma marca que eu ache que você me traiu, você vai se arrepender de ter nascido.” Aí ele foi falando, foi falando, aquilo já foi entrando na minha cabeça, porque eu sabia que eu não tinha feito nada de errado, mas eu já ia pensando, eu falava: “Meu Deus, vai acontecer alguma coisa.” Eu tinha certeza, eu falei: “Ele vai achar uma marca invisível, alguma coisa vai acontecer.” Aí a gente chegou na casa dele, e eu dei a voltinha, assim, pra ele, ele tava vendo, assim, aí ele falou: “Ah, o que é isso aqui?” Aí eu falei: “É a marca do sutiã.” Aí ele falou: “Ah, tá bom.” Assim, entendeu? Como se eu fosse um pedaço de carne, mesmo, em exposição, tipo um frango de padaria que fica girando lá. Aí eu me vesti, eu tava indo pra casa, ele tava indo me levar, ele falou: “Não vou te levar pra sua casa. Porque se você for pra sua casa você vai ver TV e lá você vai dar risada. Então você vai voltar pra minha casa e vai ficar lá até meia-noite sem TV, sem nada.” E me levou, fechou a porta do quarto, desligou a televisão e a gente ficou lá até meia-noite. Tudo isso porque ele não queria me ver dar risada, entendeu? Então era uma coisa muito louca porque ele não podia me ver feliz, o objetivo dele era esse: “Eu não quero te ver feliz.” Porque é fato, assim: uma coisa é o psicológico, outra coisa é o físico. E eles mexem tanto no seu psicológico que às vezes você acredita. Eu, às vezes eu paro, assim, tô tranquila, eu falo: “Não, eu fiz alguma coisa de errado, eu errei, eu que sou culpada da situação”, entendeu?

**FERNANDO –** Ah, eu sempre fui muito ciumento. A característica minha é o ciúme. Tenho muito ciúme. Ela tá aqui, ó, no telefone comigo. E, porra, ela mora na Espanha e eu moro aqui no Brasil. É difícil. Rapaz, isso aqui é uma coisa muito particular, hein... Não, pelo amor de Deus. Não que eu esteja escondendo ela de ninguém, não é nada disso. É que eu continuo vivendo debaixo do mesmo teto que a minha ex-esposa, né, nós estamos separados mesmo. Não legalmente, mas estamos. E eu quero muito bem à minha ex-esposa e ela quer muito bem a mim, né, e isso pra mim é uma vitória: conseguir ser amigo mesmo depois de separados.

**JOÃO JARDIM –** E por que você quis que essa sua namorada ficasse escutando?

**FERNANDO –** Ah, porque eu já tive episódios de agressividade com ela.

**JOÃO JARDIM –** Por qual motivo?

**FERNANDO –** Olha, a mesma coisa que me desperta sempre com relação à figura feminina, sabe, uma insegurança, um ciúme em excesso, uma necessidade de punir. Acho que de alguma forma esse negócio vem lá da minha mãe, sabe, uma coisa difícil de resolver. Então, você quer saber de uma verdade? Eu acho que a minha mãe mereceu as porradas que ela levou do meu pai. Do outro, não, mas do meu pai mereceu. Minha mãe levou o meu pai à loucura, rapaz. À loucura. E ele não era de bater em mulher, não. Só que ela humilhou muito, agrediu ele fisicamente, bateu na cara dele, quebrou o pente, passou no rosto dele, pisoteou as roupas dele todas, jogou tudo no chão, na lama. Pô, chegou uma hora que o cara perdeu a bússola, né, cara, enfiou a porrada... Pô, e aí ele bateu mesmo como um... sabe, o cara era oficial da Marinha, pô, *boxer*, forte pra caralho. Minha mãe era magrinha, 39 quilos. A primeira porrada que ele deu nela, quebrou a dentadura. Eu vou te falar uma coisa: é trágico e é cômico. É cômico. Você, como cineasta, você sabe que nada é tão trágico que não tenha seu ponto cômico, né, cara? Não, e agora, passados muitos anos, eu consigo achar graça disso tudo, sabe? Quando eu lembro que meu pai quebrou a dentadura da minha mãe e da empregada...Quer dizer, ele deu um prejuízo... mas ele deu lucro pro dentista, você tá entendendo? (risos) A empregada foi tentar ajudar minha mãe, meu pai enfiou porrada na empregada também – e quebrou a dentadura dela também, sabe? (risos) Ai, cara… Ó, esse filme pode virar uma comédia, hein... (risos) Tá satisfeito?

O ENTREVISTADO MANTEVE O CELULAR NO OUVIDO DURANTE TODA A ENTREVISTA REALIZADA NA PESQUISA.

**PAULO**

**PAULO –** Era pegajoso. Da minha parte era pegajoso. E o homem, cara, quando ele fica pegajoso… Eu acho que foi aí que eu errei, entendeu? Que eu apaixonei nela legal mesmo, assim, entendeu? Eu fiquei 15 dias dentro da casa dela, cara. Eu abandonei minha mulher, meus filhos, pra ficar ali, com ela. Por causa que a mãe dos meus filhos dizia que isso era um momento de relacionamento complicado da nossa vida. Porque eu sou casado com ela tem 28 anos, cara. Cinco filhos eu criei com ela. Ainda tem duas de menor – que complicou mais da minha saída de casa pra de repente estar vivendo com a outra, entendeu? Então, uma vez eu tava ali perto do Butantã, passando perto da casa dela. Aí ela… não, eu liguei pra ela. Aí ela: “Não, eu quero que... preciso que você traga uma coisa do mercado pra mim.”, Eu fui no mercado, comprei a coisa que ela precisava. E quando eu tava saindo do mercado – pra você ver – ia saindo um camarada que morava perto da casa dela. E ele vinha com um garotinho. Tava quente nesse dia, cara. Aí eu falei: “Seu Júlio, você não quer entrar aqui, não, rapaz? Entra aqui, eu levo vocês lá.” Fui, larguei o camarada lá e cheguei atrasado na casa dela. Ela estourou, cara. Estourou. Tava com a filha, né... Sabe, saiu gritando, foi pra porta gritando... Pô, e lá as casas são tudo pertinho, hein, cara, uma da outra, entendeu? Aí eu também peguei ela e dei uns empurrão assim nela, sabe? Aí ela chamou a mãe dela, dessa vez ela chamou. Ela não chamava... E foi com a mãe dela na delegacia fazer a reclamação. Aí foi aí que ela pediu o afastamento de corpos. Aí foi que... por que ela não vem me procurar? Por que é que ela não vem me procurar pra me contar que tipo de afastamento era esse, cara? Podia ser coisa de momento, entendeu? Só que na época eu não entendi assim o negócio, na época eu comecei a beber, entendeu? Eu passei mal com esse afastamento de corpos. A gente teve outro encontro, tomamos um sorvete, eu, ela e a garotinha dela. Ela tem uma garota de 3 anos. Inclusive eu sou o padrinho da garota dela. Fui eu que batizei. Entendeu?

**JOÃO JARDIM –** Qual foi o incidente que aconteceu entre vocês, assim, que fez você perder o controle, como você falou?

**PAULO –** Ela trabalhou. No domingo. Não, ela trabalhou na noite do sábado pro domingo. Diz ela que virou. Virou mas não ligou. Olha aí... Isso aí, cara, foi me... sabe? Isso foi me influenciando. Faltou ela parar no orelhão, cara. Entendeu? O que é que custava parar no orelhão? Por mais que ela estivesse sem o celular dela, parava no orelhão e ó: “Paulo, é o seguinte... Meu irmão, olha hoje eu tô virando, Paulo. Paulo, hoje eu vou virar.” Entendeu? Custava ela naquele dia ter feito isso, ter ligado pra mim? Diga aí. Então a partir daí foi que eu fiquei bolado, cara, eu fiquei altamente bolado a partir daí – não, nesse dia... nesse dia eu tinha passado a noite, a madrugada toda bebendo. Bebi a madrugad... aí cheguei lá. Quando eu cheguei lá, foi normal: ela abriu a porta, me tratou bem. Porque nos outros dia ela fechava a porta, não deixava eu passar, não, não deixava eu entrar. E aí, quando eu cheguei lá, eu falei assim pra ela, eu falei: “Olha, você não diga pro seu pai que eu tô aqui.” Foi eu me virar e ela pegou o celular e ligou pro pai dela. E o pai dela chamou a polícia. Tá bom assim pra você? Porra, chamar a polícia? Por que é que ele não me chamou lá pra gente conversar? Eu não matei ela. Eu não teria feito maldade grave nenhuma com ela, cara. Porque foi nesse momento que bateu, assim, no meu cérebro, sabe? Poxa, chamar a polícia? Eu peguei ela assim, cara, eu... eu machuquei ela bastante, mesmo, com a faca.

**PAULO –** Sobreviveu, cara. Tá trabalhando, já. E eu passei mal, cara. No dia ela me mandou ir embora. Aí eu peguei uma roupa dela - porque a minha tava toda ensangüentada, sabe, aí eu, eu passei mal pra caramba, cara. Eu caí na calçada. Sol quente... E os vizinhos vieram, trouxeram água gelada e jogaram em cima de mim. E ela, o senhorio lá das casinhas foi que levou pro hospital. Que desde que a gente tava junto ela sempre dizia que não me amava. Mas nesse dia teve um momento que ela falou: “Eu te amo”. E foi justamente no momento que eu já tava em cima dela, na cama, e a garotinha apareceu. Aí foi que ela conseguiu, com os pés, sabe, me empurrou e eu recuei, fiquei na porta, assim. E ela ficou lá na pia, em pé. Aí ela: “Ah, eu te amo. Por que é que você tá fazendo isso?” Cara, nesse momento eu... eu joguei tudo pro alto, joguei a faca... perdi, sabe? Não pensava em nada, cara. Tava doido, assim, sabe? Impulso, mesmo. As emoções, assim, sabe? Raiva, né, também. Tem muita lei aí pra proteger mulher, cara. Vou ver se eu faço uma lei com o meu nome, sabe? Pra ver se protege os homens também, sabe?

**JULIA**

**JULIA 1 –** E aí um belo dia a gente tava lá com um monte de gente, numa festa lá da faculdade, aí entrou, assim, chegou na porta da festa, ela não quis entrar. Eu também não quis. Então ela resolveu me dar uma carona pra minha casa, né, e aí chegou na porta da minha casa, eu resolvi levantar a bola, né, aí falei pra ela: “Pô, por que é que a gente não tenta?” E aí ela veio de novo com aquela história de “não, que a gente é só amiga”, não sei o quê, e aí foi muito engraçado, que eu falei pra ela, assim: “Ah, então vamos dar um beijo de amiga, né?” Essa história é muito boa... E aí a gente se beijou. E foi incrível, assim, tipo teve uma química muito forte. E aí, no caso, minha mãe tava viajando, então a gente ficou até tipo 4 horas da tarde trancadas no meu quarto, assim, no dia seguinte. Aí, assim... esse ano a gente resolveu que queria passar o final do ano juntas, né, só que ela ia pra Búzios, lá no Rio, com a família dela. Aí a gente decidiu ir de amiga. Logo de cara já rolou um estranhamento por causa dos meus *piercings*. Então, eu, assim, de cara com a família dela já teve um estranhamento, entendeu? Aí depois os pais dela começaram a achar estranho porque a gente ficava muito tempo trancada no quarto. E a gente ficava, mesmo... Pô, imagina, cara, as duas na praia, na casa dos pais da menina, trancadas no quarto até três e meia, quatro horas da tarde da tarde. Não dava, né? A gente... a gente deu muita bandeira, mesmo, assim... Mas também porque... pô, a gente não tava conseguindo ver nada, entendeu? Era um deslumbramento, assim, era muito tesão. E... ah, assim, eu também nunca tinha tido isso, sabe, de me dar tão bem com alguém na cama, né... Porque com ela eu descobri tipo uns níveis de orgasmo que eu nunca tinha sentido, assim, e ela comigo, né... Tipo... ah, assim, ejaculação feminina, umas coisas que eu nunca tinha vivido antes, então foi realmente muito forte, assim, sabe? Só que aí começou a rolar uma polêmica na casa, tipo: “Ah, essa sua amiga aí não é legal.” E aí eu liguei pra minha mãe, que tava em Cabo Frio, e falei pra ela ir lá me visitar, né, pra nego não achar também que eu era bicho solto. Aí ela foi e levou uma caixa de Frontal pra mim, que o meu tinha acabado, entendeu? E até aí, normal, né, pra minha família isso é natural, não tem problema nenhum, eu tomava desde os quinze anos, entendeu? Aí fui lá, pá!, coloquei o negócio em cima da mesa, e aí depois os pais dela viram e ficaram horrorizados, assim, chamaram a Júlia e falaram: “Porra, aí, tá vendo? Essa sua amiga é louca, ela toma remédio de tarja preta.” Aí eles começaram a brigar, e tal, e aí, na briga eu lá na maior aflição, né, vendo tudo. Só que a Júlia contou pra eles que a gente era namorada, e tal, e... pô, eu fui esperar do lado de fora da casa, né, e nisso já era dia 31 de dezembro, uma puta chuva lá fora, e eles lá brigando, e eu resolvi tomar uma coisa num barzinho ali, numa barraquinha de praia. Até passei uma coisa horrível, assim, de... que eu tava lá na barraquinha de praia, né, tomando um negócio, conversando lá com o cara que vendia bebida, e já devia ser umas seis horas da tarde, então não tinha ninguém na praia. Aí eu tava lá trocando ideia com o cara, me deu vontade de fazer xixi. Aí peguei, fui atrás da barraquinha. E quando eu abaixei pra fazer xixi, eu olho pra trás, o cara vindo atrás de mim, querendo me enrabar. Aí eu só empurrei o cara e saí correndo de volta, assim, na direção da casa da Júlia. Só que aí eu tropecei, caí, né, e desmaiei. E aí veio a irmã dela, que também era uma pessoa super careta, assim, sabe, bem travada mesmo, nada acessível, eu nem era amiga da menina nem nada. Aí ela chegou, me puxou, me levou de volta pra casa dos pais delas, e aí você imagina, né, meu, os caras já tinham o maior preconceito com a gente, aí me viram nessa situação, só piorou, né? Eu, por sorte, tinha uma amiga minha de infância que tinha uma casa na mesma rua. Aí a Júlia e a irmã dela me levaram lá pra casa da menina. E eu fiquei na casa dessa minha amiga essa noite, né, só que aí no dia seguinte nós juntamos as nossas coisas, botamos tudo no carro e fomos pro Rio de Janeiro.

**JULIA 2 –** Eu engordei 40 quilos na minha relação com ela em seis meses. Isso me deixou muito insegura, então eu comecei a ficar com muito ciúme, ficar possessiva, e aí eu comecei a desenvolver um negócio de autoestima seríssimo, assim. Aí, além de eu ficar muito ciumenta dela, muito possessiva, eu comecei a trair ela. Mas não porque eu não queria estar com ela, eu queria, mas eu precisava me afirmar, né, então eu queria me sentir desejada, sabe? E passava uma menina linda querendo ficar comigo, assim... Então, na época foi o que eu encontrei, assim, pra poder, né, melhorar a minha autoestima, assim... E aí isso começou a gerar mais *stress*, mais gritaria, mais briga. Porque eu traía ela, ficava com culpa e contava pra ela. E aí ela perdia a cabeça, aí começou mesmo porrada, ia pra cima de mim me dar soco, me chamar de filha da puta, gritar, enfim, gritaria mesmo, assim. Ela já tava sacando que a coisa da droga tava passando do limite, assim, pra gente, e ela... a gente resolveu parar de cheirar juntas. Só que ela conseguiu e eu não. Aí a gente saía, aí chegava o momento da noite, assim, que ela ia embora e eu ficava, aí essa brecha gerava mais pra droga, pra traição, e tal. Teve uma vez que eu voltei pra casa seis horas da tarde achando que era seis horas da manhã. E eu cheguei, ela tava louquíssima, assim, louca mesmo, desesperada, mesmo, agredindo, falou: “Onde é que você tava? Onde é que você tava?”, e eu não sabia onde é que eu tava, que eu tava passadérrima, assim, tava louquíssima... E eu fui entrando, assim, ela foi me socando, me dando porrada. E eu lembro que eu fui pra cama, assim, e eu tampei o rosto assim, fiquei deitada de bruços, assim, e ela pulou em cima de mim, assim, porrada, e eu só sentindo dor, assim, nas costas e no pescoço...

**JULIA 1 –** Eu achava que eu merecia aquelas porradas, né, eu achava que ela tinha toda razão. Eu, naquela situação, se eu pudesse, eu tava até ajudando ela me bater. E aí teve até uma... uma outra situação que foi assim... até que nessa situação a gente tava numa fase mais tranquila. Ela... teve um dia que ela resolveu fazer uma reunião lá em casa pra chamar umas amigas de infância pra conhecer o apartamento. E aí, justo nesse dia, eu acordei passando mal, com uma puta caganeira, né... Mas até aí, tudo bem, também, entendeu? Era as amigas dela de infância, tal, normal. Só que aí ligou uma menina da faculdade que era uma menina que eu cismava que era a fim dela, entendeu? E na verdade é louco também, que a menina nunca nem deu nenhum motivo pra isso, mas, enfim... Aí, a menina ligou e falou pra Júlia que tava ali perto, e tal, e aí a Júlia convidou a menina pra ir na tal reunião.

**JULIA 2 –** E aí eu fiquei descontrolada, tava mal, assim, fiquei fula da vida, falei assim: “Como é que você chama essa menina pra vir aqui justamente hoje que eu tô mal, que eu não tô me sentindo bem? Peguei um copo e pá!, quebrei na parede, assim, comecei a quebrar os copos: “Ah, vai ter festa? Então quero ver em que copos vocês vão beber!”, e pá, quebrei uns dez, todos os copos da casa, todos os copos. E aí, o que aconteceu? A menina chegou, as meninas chegaram, todas elas, eu melhorei, a gente saiu, comprou um monte de copo descartável, fizemos um puta de um festão, e se olhar, tem foto minha, assim, com a menina, na festa, abraçada com a menina, de tão louca... que a coisa era, foi, naquele momento.

**ENTREVISTADORA –** Você não pensava em tentar se curar um pouco dessa possessividade?

**JULIA 2 –** Peraí, ela também era possessiva, ela era bastante possessiva. Ela era menos agressiva que eu, mas ela me agredia também, e ela me envenenava contra todo mundo, me envenenava principalmente contra minha mãe, minha família...

**JULIA 1 –** Porque ela queria que eu ficasse só pra ela, né, e isso já era o jeito dela ser possessiva, entendeu? Era o sintoma da possessividade dela, que ela queria que eu ficasse só pra ela. Então cada uma agia né, então cada uma agia de um jeito, assim: eu, na minha possessividade, eu tacava copo na parede.

**JULIA 2 –** Ela me envenenava contra todo mundo e eu me deixando envenenar.

Porque a partir do momento que eu passei a acreditar que ela era a única pessoa que acreditava em mim de verdade, eu passei a dar pras palavras dela poder absoluto. Era uma relação obsessiva, possessiva, né... é muito engraçado, porque o sexo, né, até o final da relação, ele resolvia tu-do.

**JULIA 1 –** No meio de tudo que tava acontecendo, quando a gente transava, anulava. Era como se compensasse. E o louco é que a própria relação sexual também foi ficando mais violenta, né, da gente... da gente curtir se bater enquanto a gente transava, assim, arranhar as costas, né, queimar as costas com cera de vela... Mas isso era bom, entendeu? Isso era prazer, isso era...

**JULIA 2 –** Geralmente quando eu ficava nervosa eu quebrava coisas. Mas eu não vou dizer que eu não bati nela, eu bati. Uma vez eu rasguei as roupas dela – não as roupas no armário, as roupas nela, eu rasguei. Mas era como se essa porradaria ficasse pequena, sabe? Tanto que a gente sentia dos momentos que eram bons, que ainda existiam os momentos bons.

**ENTREVISTADORA –** Naqueles momentos que vocês se estapeavam com raiva, com tudo, dava vontade de matar?

**JULIA 2 –** Não, mas não era isso. Não era. Não era raiva, não queria se matar, não era, era um sentimento de incompreensão, tipo: “Eu quero me entender com você, só que você não tá entendendo uma palavra do que eu tô falando.” E daí a gente fazia tudo isso pra se reaproximar.

**JULIA 1 –** Mesmo quando a gente brigava a gente achava que ia passar o resto da vida junto, né, que a gente ia pra Barcelona, casar de verdade, sabe? Até que um dia ela acordou cedo de manhã e eu tava transando com outra pessoa na sala. E na verdade eu acho que o que separou a gente mesmo foi essa coisa da droga. Porque ela conseguiu ir se livrando disso e eu me afundei cada vez mais. E eu comecei a ficar muito promíscua, entendeu? E aí ela começou a pegar nojo disso e aí a gente parou de transar. Porque foi aí que acabou esse equilíbrio, né?

**JULIA 2 –** E o mais louco era que eu queria transar com ela mas ela não tava conseguindo transar comigo. Então isso me magoou tanto que eu levei uma pessoa pra dentro da minha casa. E aí, claro, ela pegou e decidiu ir embora. E pegou, falou que não tava indo embora, que a gente tava se separando, que a gente... que ela precisava de um tempo... Porque a gente nunca se separou. Nesse dia ela pegou e falou: “Ah, eu te amo, a gente vai ficar junta ainda, tá tudo certo, eu preciso de um tempo...” E aí eu peguei, me cortei toda. E aí ela veio me acudir, eu falei: “Sai, não preciso de você, vai embora!” Aí depois ela ligou pra mim na casa da minha mãe, conversou comigo dizendo que me amava, que gostava de mim, que a gente ia ficar junta, e tal, que a gente nunca ia se separar... E a gente tava se separando. Só não queria enxergar porque era inconcebível viver separadas, né, a gente ficava alimentando essa fantasia de que tava tudo bem. Até o dia que ela começou a namorar outra pessoa. Aí foi o fim pra mim, acabou.

**JULIA 1 –** De todas as histórias que eu tive, essa foi a mais intensa, assim, nesse sentido, né, a mais gostosa, assim... E também porque eu acho que eu era muito nova, né, então tem essa coisa de você... quando você descobre uma coisa com alguém, de você achar que aquilo é a coisa mais importante do mundo, né, que não vai acontecer de novo nunca mais - e realmente, assim, se eu for honesta eu vou dizer pra você: eu tô melhor hoje? Tô, mas não aconteceu de novo isso.

**ENTREVISTADORA –** E quando você se cortou, o que você sentiu?

**JULIA 1 –** Ah, eu acho que foi um monte de coisas, assim... Tem uma coisa de se sentir culpada porque eu deixei minha vida chegar nesse ponto, né? Eu fiz isso comigo, né? Eu fiquei sem grana, eu fiquei viciada, minha família se afastou de mim, eu não tinha mais nenhum amigo por perto quando acabou o relacionamento... Então era uma coisa meio que pra punir também, né, tinha isso. Tinha uma coisa de mostrar pra Júlia também, sabe, assim: “Olha o que você fez comigo.” Porque uma coisa é eu falar pra você: “Olha, eu tô sofrendo.” Outra coisa é você ver sangue por toda parte, né? E também tinha uma coisa assim: quando você tem uma coisa que dói dentro de você mas é dentro, não tem como você colocar alguma coisa, um curativo, assim, passar uma pomada, dar ponto, não tem o que você fazer. Mas fora tem, né, aí você... entende? É como se... você olha uma dor, você ameniza outra, né... Mas isso é uma coisa que eu percebi faz pouco tempo.

**ENTREVISTADORA –** Mas na verdade você ainda tinha tentado manipular ela, né, com esse negócio então de se cortar?

**JULIA 1 –** Sim. Aprendi a manipular com ela. Ela era boa nisso.

**CLAUDIA**

**CLAUDIA –** Eu tinha 14 anos, né, eu morava no Leme, nunca tinha tido um namorado e conheci o Fernando numa festa. Aí começou como começam todos os namoros dessa cidade, dançando, e tal. Ele era muito forte, assim, era tipo um halterofilista. E nessa época eu tinha uma educação muito repressora: não podia sair, não podia ir ao cinema, não podia sair à noite, e tal. Aí o Fernando ia me buscar na porta da escola, a gente vinha andando pra casa, e tal. Na verdade, eu devo a ele eu ter aprendido a me masturbar, porque ele me ensinou como fazia. Agora, tem um detalhe, né... na minha casa tinha violência por conta do meu pai contra meu irmão e eu. Uma vez eu tava indo pro balé clássico com a minha mãe e aí uma desconhecida na rua, assim, perguntou pra ela o que é que eram aquelas manchas roxas em mim, né. Aí ela despistou, disse que eu tinha caído e me machucado, e eu disse que não, que meu pai tinha me batido, sabe? Falei praquela desconhecida a verdade, assim... E eu acho que isso aí, o fato de eu não ter medo é que fazia com que meu pai perdesse o controle, se descontrolasse. Eu acho até que ele... ele amava a gente muito, assim, mas isso piorava as coisas, porque até então a gente não conseguia muito bem dissociar o amor da violência eventual. Eu acho difícil, na verdade, que um homem se mostre imediatamente violento, né... A violência, assim, é uma coisa insidiosa, ela vem vindo pouco a pouco, assim, à medida em que o homem, ele percebe que ele tem poder sobre a mulher. Ou então que ele fica tão inseguro, tão inseguro, que ele fica com ciúmes e faz com que essa violência latente, assim, ela... vamos combinar que violência latente todos nós temos, né? Somos capazes, assim, de fazer muita coisa, mas aí a gente é educado, civilizado, e tal, a gente aprende a conter essa violência. E no caso de uma pessoa doente, descontrolada, ela não consegue conter a violência. E o Fernando começou a ficar violento por causa de ciúmes, né... Eu era virgem, e eu permaneci virgem, eu não tive relação com ele. Mas apesar de eu ter 14 anos, eu sempre fui grandona, né, e bonita, assim, eu chamava a atenção dos outros. Então isso pra ele, assim, era um ferimento na alma dele, porque ele não aguentava. Assim, ele ia me buscar na porta da escola e começava com um monte de perguntas: “Onde é que você foi?”, “Com quem que você foi?”, “Alguém falou com você, alguém mexeu com você?”, “Pra onde você vai?” Aí eu comecei a perceber que ele não era muito normal. Só que quando essas coisas começam a acontecer com uma certa frequência, você já tem o amor. Aí você não sabe dizer muito bem onde termina o amor e onde começa a violência, até onde o ciúme é uma prova de amor mesmo ou é uma violência. Então, quando eu dizia pra ele, assim, que eu não ia responder isso, aquilo, ele me dava um beliscão, apertava meu braço. Aí quando ele via que ele tinha me machucado mesmo, e tal, ele pedia desculpa, dizia que nunca mais ia fazer aquilo de novo. E eu acho que nessa época, assim, não sei... eu que era bonita, atraente, eu não colocava um ponto final nessa história por causa da minha história familiar, né, porque eu tava realmente acostumada a estar submetida a uma relação de poder e de agressividade - e de amor, ao mesmo tempo. Então eu achava normal, assim, até um certo ponto, quando era um beliscão, quando era, sei lá, um tapa, assim... Mas aí, quando ele começou a puxar o meu cabelo com muita força, e eu tinha o cabelo até à cintura, aquilo começou a doer muito, eu pensei: “Se um dia eu caso com esse cara ele me mata.” Só que eu insistia, porque era bom, era gostoso.

**ENTREVISTADORA –** Mas então você acha que de alguma forma a violência era atraente pra você, você podia gostar um pouco disso?

**CLAUDIA –** Não. Não acho que eu achasse a violência atraente, não. É que... o fato é que meu pai, ele me batia. Então, até que ponto eu podia interpretar um tapa, um beliscão, como um não gostar? Aquilo pra mim fazia parte do amor, né? Mas eu sentia muita raiva de mim por não conseguir terminar. Aí um dia... teve um dia que aconteceu um episódio, assim, que... eu tava na praia, né, eu pegava onda de camiseta, assim, pra não ralar a barriga. E eu tava na praia com os meus amigos. Aí eu entrei no mar, sei lá, sem prancha, e fui nadando até o fundo. E aí lá fiquei apoiada numa prancha com um amigo meu, conversando, e tal. Aí o Fernando chegou na areia e me apontaram. Quando ele viu aquela cena na areia – na areia, não, no mar, de eu conversando com meu amigo na prancha, ele resolveu entrar no mar. Aí ele foi nadando na minha direção e eu fui nadando na direção dele. Quando eu cheguei perto dele, que eu olhei a cara dele, ele tava com uma cara, assim, descontrolada. Eu até falei legal com ele, falei: “Oi, amor.” Ele me olhou com um ódio, um ódio tão grande, e me deu um caldo – caldo, de brincadeira, de criança na praia. Só que ele me segurou lá embaixo, entendeu? Aí eu tentava subir e não conseguia, tentava subir e não conseguia, tentava e não conseguia, meu pé não tava encostando na areia. Eu comecei a ficar desesperada, eu pensei: “Eu vou morrer aqui.” E foi uma coisa clara na minha cabeça: “Eu vou morrer aqui.” Aí eu comecei a soltar água pela boca, e aí ele foi me soltando, foi me soltando, eu soltava aquele choro desesperado; não era nem um choro de alívio, não, era um choro de desespero, porque... que loucura, como é que... assim, qual a fronteira entre você amar uma pessoa, né, e querer matar ela? Ou não, ou nem querer matar e acabar matando. Não tem aquela história da Eloá? O cara... o cara chegou no hospital perguntando qual que era o estado dela, sabe? Ele deu um tiro na cabeça dela, na virilha dela, e aí ele chega no hospital perguntando qual o estado dela? Quer dizer, foi uma coisa premeditada? Ele quis me matar? Acho que não, mas eu acho que fugiu do controle, assim, fugiu de qualquer limite. Eu acho que depois disso eu passei a ser uma pessoa assim, com... com tanto apego à liberdade, sabe? Porque eu acho que enquanto eu vivi lá na casa dos meus pais eu vivia dentro de um cárcere, sabe, eu não podia fazer nada. A única coisa que me salvava eram os livros, porque daí eu vivia outras histórias, vivia outras vidas, e tal, então... Na verdade, eu acho que a violência paterna era... quando eu penso nisso, a violência paterna era muito pior. Porque dali tinha uma relação de poder, mesmo, né... E aí o que mudou foi que eu decidi que eu ia começar a trabalhar logo, que eu ia ganhar o meu dinheiro logo, e que eu ia sair de casa. E o que mudou em relação à violência foi que... foi quando eu fiz 18 anos, assim, que meu pai chegou um dia pra me dar um tapa na cara, aí eu dei um tapa na cara dele e mandei ele tomar no cu. Aí falei pra ele que ele era um filho da puta, assim, que ele não me batesse mais porque eu tava forte, que se ele me batesse eu ia bater nele de volta. Aí ele fez uma cara, assim, de espanto, ficou... acho que ele não esperava isso de mim, né? Eu acho assim... quando eu penso nisso, eu acho que a violência é um descontrole, sabe? E eu acho que a pessoa que permanece nesse tipo de situação e fica, ela é tão doente quanto a pessoa que bate – ou então ela é masoquista. Porque também o masoquista, ele não existe... o sádico e o masoquista dependem um do outro. E eu acho que essa situação toda que eu tive eu virei a meu favor. Porque meu irmão, por exemplo, sempre bateu muito nos filhos e achava que isso era bom pra educação deles. E a mulher dele também. E os dois também se batiam, numa situação familiar super violenta, assim... E eu acho que a violência, ela é um descontrole. E eu vi isso em mim mesma, quando eu me descontrolava, assim, eu tinha filho, né, eu me descontrolava, dava umas palmadas nele, e aí eu pensei: “Meu Deus do céu, eu tô repetindo o meu pai. Eu não posso repetir o meu pai.” Entendeu? Aí, quando o meu filho, sei lá, fez alguma coisa, eu olhei pra ele e falei - ele tinha três anos, eu falei: “Olha só, a mamãe nunca mais vai te dar uma palmada, um beliscão. Mas eu vou te colocar de castigo.” Isso foi um alívio pra mim... foi um alívio absurdo. Absurdo...

**ENTREVISTADORA –** Você nunca mais entrou noutra relação violenta?

**CLAUDIA –** Não, nunca mais. Nunca mais. Nunca mais, eu decidi, assim, que eu nunca mais eu ia deixar um homem tocar um dedo em mim. Nunca mais eu ia namorar alguém ciumento, e nunca mais eu ia sofrer uma agressão. E realmente, olha, eu nunca mais eu topei com alguém assim. E se eu não topei foi porque eu não quis. Porque tá cheio deles por aí, sabe? Eu tive realmente sorte de não ter morrido aos 16 anos, mas tem muita mulher que se vicia nesse tipo de relação. Então eu acho que eu virei essa história, sabe, pra mim, assim...

**LINEU**

**LINEU –** Primeiro... Primeiro... sem a gente entender o que é gostar, fica meio difícil. Se você tivesse dito pra mim: “duas pessoas que dependem uma da outra” era mais fácil de entender do que “duas pessoas apaixonadas”. A relação afetiva é um ato de pirataria permanente, onde você busca no outro o que você não tem e vice-versa. É um combate onde o suor do amor podia ser a excreção do ódio que um tem pelo outro por não ter todas as coisas que o outro tem. E como é precária a posse dessa coisa, eu amo e eu me desespero por amar. Isso por instinto de sobrevivência, porque o meu instinto tá me dizendo que é importante ter um filho com ela porque isso vai me gerar filhos fortes, ou porque eu sou incapaz de viver sozinho, né... ou pela necessidade de transformar o outro num objeto de representação de sucesso pra mim mesmo, ou numa exposição pública da minha conquista; ou ainda por ter do outro a beleza, a inteligência, a sensibilidade, ou qualquer outra qualidade que o outro tem e que eu preciso dela. Nós nos grudamos um ao outro... um ao outro... iludidos de que podemos nos apossar do que o outro tem, *vampiristicamente*. É uma coisa canibal, meu amigo. Comigo aconteceu de chegar no limite algumas vezes. A administração dos ciúmes por uma mulher, se for uma pomba-gira, é um sofrimento atroz. Você não tem ideia... você não tem ideia do que é se ver manipulado. Os teus hormônios não te deixam em paz. Porque os teus culhões estão produzindo porra que precisa ser ejetada e porque o *quentor* e a umidade daquela determinada xoxota, que é aquela que com o cheiro e com o tato, e a grudação, e mais o sentimento de que você é invulnerável... Eu tive uma namorada... minha última namorada, e eu só entendi o quanto eu a amava depois que nós acabamos. Só isso: depois. Eu estive num almoço com ela, foi um horror. A gente tava tendo uma conversa dura. E passou um cara, um bonitão conhecido meu, e vendo eu conversar com aquela mulher bonita, ele olhou pra mim e fez um gesto de intimidade pra mim. Uma hora depois eu vi que ela levantou o olhar, olhou pra ele, assim, como quem diz: “Porra, eu acho que eu chupava o pau desse cara...” Eu vi isso nela. Isso imediatamente me deixou naquele estado que eu achei que eu já tivesse superado, aquela coisa da briga, do desentendimento, do combate corpo a corpo, e que agora eu estivesse *zen* e que eu pudesse permitir generosamente que ela vivesse a vida dela sem culpa: “Porra, vamos viver nossa vida sem culpa, eu também, porra. Foi tão bonito... Lembra aquela vez que a gente tava no hotel na praia? E que a gente tava trepando e depois de gozar eu olhei pro céu e falei: “Caralho, o que aconteceu? Mudou o céu? Virei Van Gogh?” Era uma coisa de luz, de cor... “O que é que tá acontecendo comigo?” E eu ouço ela falando no meu ouvido: “Isso é o amor. Isso é o amor...” Pra em seguida nós nos esfaquearmos mutuamente – metaforicamente falando. Mas as minhas palavras valeram como um serrote, cortando as pernas, cortando os braços, enfiando o meu canivete na garganta dela pra que esguichasse sangue pelo pescoço. Como é que você passa de uma situação de um êxtase inacreditável pra uma situação em que você passa a ser uma pessoa normal? Pra onde que vai toda aquela tempestade cerebral? Aquele tremor de nervos? Aquela sensação de paz e completude? Como é que eu posso permitir que outra pessoa goze desse jeito com a mulher que me deu essa compensação inacreditável? Como que eu aceito isso? Porque enquanto ela diz: “Isso é o amor”, isso significa que “Eu amo você, eu dou pra você tudo que eu sou, tudo o que eu tenho.” Aí isso te é subtraído. Como é que eu posso continuar vivendo depois disso? Como é que eu aceito isso sem violência? E essa sua violência nada mais é do que a exteriorização do seu pavor de perder – de perder aquilo que te faz feliz. Na verdade é de perder aquilo que te faz infeliz. Tem um masoquismo embutido nessa violência toda. E a pergunta é: por que continuar esse atrito? Por que continuar seguindo essa relação de amor-desamor? Por que você acha que essa é a última pessoa, quando na verdade existem três ou quatro mulheres nessa rua que eu poderia me dar bem? Por quê? Por que esse reatar permanente de uma coisa que te traz infelicidade, que te traz angústia? No mundo psicoterapêutico eles chamam isso de masoquismo. Mas eu acho que existem outras palavras pra definir isso, e eu acho que a melhor delas é: a covardia de enfrentar a tua fragilidade, teu medo de ficar sozinho.

**JOÃO JARDIM –** E o outro lado? Como é que é o caso da violência da mulher contra você?

**LINEU –** É o jogo feminino, é o silêncio feminino que despreza. Eu acho que a mulher, ela sabe machucar muito mais do que o homem; mulher tem o dom natural pra machucar. A gente pode espancar, mas a mulher, ela é mais inteligente, é mais sutil do que o homem. A gente vive na solidão, cara; a gente precisa pagar um terapeuta pra conversar, pra falar: “Doutor, eu acho que eu sou é viado, não tenho bem certeza.” Elas falam sobre tudo, olha quantas revistas tem sobre esse assunto, todos os tipos de assuntos psicológicos, fisiológicos, emocionais, todos os programas de TV que tem. Elas falam, a gente vive na solidão, a gente fala quando bebe. Falar o quê? Com quem? Com quem que a gente vai expor a *machice* da gente? Eu acho que o grande filósofo do amor foi o Nelson Rodrigues, o “Perdoa-me por me traíres…” Eu acho que essa é a frase-base sobre a qual todas as outras especulações do amor acontecem. Você dá o motivo, você gera a razão e você se odeia por ter sido a causa daquilo que você destruiu. Agora, você não sabe é se você realmente queria destruir ou não, né? Eu acho que tem um masoquismo embutido nessa violência toda. No meu caso, sempre que aconteceu a briga, o ciúmes, o combate corpo a corpo, o desentendimento, sempre foi por razão. Mas eu sempre fui o culpado, eu sempre fui o culpado. Meu último caso, por exemplo, um puta caso complicado, na hora da briga eu falei pra ela: “Olha, vamos dar um tempo, tá?” – por telefone. E dei um corretivo nela de quinze dias sem falar com ela, um corretivo ironicamente. E quando eu apareci, ela já tinha arranjado outro cara. Aí vem, a gente vai a um restaurante, e ela fala: “Vamos reatar?” Eu falo: “Olha, você é a mulher que eu mais amo na minha vida, a mulher que eu mais quero na minha vida. Mas hoje eu não seria capaz de trepar com você com três camisinhas. Só de imaginar um cara comendo o teu cu e chupando a tua buceta, isso me dá nojo, isso me enoja. Pula fora. Pula fora da minha vida que isso não vai dar certo.” Amor… muito amor. Não, amor, não, muita paixão mal resolvida, né? Ela quis nesse almoço reatar. Eu pergunto pra ela: “Quando você trepa com esse cara, o que você pensa?” Ela: “Noventa por cento das vezes é em você.” Meu Deus do céu, que crueldade, né? Que estupidez a minha ter perguntado, também… O horror dela ter respondido… Quer saber como é que foi? Foi uma outra namorada, já faz algum tempo. Ela já tinha me passado pra trás algumas vezes. Foi passar quinze dias em Nova Iorque. Quando ela volta, ela me passa gonorreia. Fiquei doido, quebrei tudo, quebrei geladeira, quebrei televisão, quebrei tudo, rasguei as *roupa* no armário. Eu batia, eu batia, batia muito. Eu batia com a mão aberta, né, porque se eu fechasse eu matava. A retina desse olho dela descolou. Eu peguei o canivete. De repente, quando eu olhei, assim, pra cima, eu vi sangue por todos os lados, eu vi sangue escorrendo pelos batentes do teto. Aí, quando eu olhei, esse dedo meu, aqui, tava cortado, tava quase decepado. Aí fui pra casa de uma amiga, ela me levou pro hospital, me cuidaram lá, eu voltei pra casa e ela não tava. Eu peguei meu 357, entrei no meu Audi – eu tinha um Audi naquela época, procurando nos bares, procurando nos restaurantes. Eu não bebo, nessa noite eu bebi três ou quatro uísques só num bar. Voltei pra casa, ela tava lá. Enfiei o 357 na boca dela, engatilhei, encostei o dedo no gatilho... Foi aquilo que eu te falei antes, né, o sangue pulsando no pescoço, no coração, no pescoço... Eu não atirei, eu não sei o que é que me parou. Ela foi embora.

**ALICE**

**ALICE –** Foi assim: ele foi a pessoa por quem eu me encantei por ser o oposto de mim. Eu via nele a possibilidade de viver uma experiência que não era minha, assim, sabe, de querer essa experiência. Eu ficava fascinada com aquelas histórias todas dos anos de repressão, da resistência à ditadura... Mas era uma história dele, não era minha. Enfim, quando eu o conheci eu era casada, aí eu me apaixonei e em uma semana eu fiz a mala e saí de casa. E saí na verdade pra vida, né, porque eu tinha sede de vida, eu queria largar aquela vidinha, eu tava me abrindo pra um mundo novo, eu vivi aquele sonho com ele. Agora, o primeiro grande susto foi quando a gente fez um churrasco de inauguração na nossa casa pros amigos dele – assim, porque basicamente esse tipo de pessoa tem uma personalidade que, assim, ele vai tolhendo tudo que é... tudo que é o teu mundo, tudo que é bom pra você, sabe, vai restringindo o teu mundo ao mundo dele. Então, basicamente, *tamos* lá no churrasco com os amigos dele, e aí ele toma umas cervejas a mais e volta uma carga de bateria... de violência pra cima de mim do nada e eu tomei um bruta susto, assim, porque foi a primeira... o primeiro contato que eu tive com isso, assim, sabe? Agora, eu sou culpada, né, porque é assim: você se coloca numa posição de humilhação e fica. Eu fui inúmeras vezes humilhada na frente dos outros. Inúmeras. Assim, teve um episódio lá em casa, uma vez... um amigo íntimo dele, o Roberto, eles tavam tentando montar uma empresa, um projeto juntos, e tinha uma terceira também pessoa lá e era um jantar, estávamos lá conversando, não sei o quê, e se falou alguma coisa sobre uma pessoa, uma mulher, e eu fiz uma crítica a essa mulher. Isso suscitou uma fúria contra mim, ele começou a gritar comigo, me agredir, dizer “quem eu era pra criticar aquela mulher?”, que eu era uma imbecil, uma bosta, e assim, dizendo coisas horríveis pra mim. E aí entra aquela coisa que eu não me lembro direito o que é que ele dizia, né, sei lá, mas eram coisas, assim, pra me diminuir, diminuir, diminuir, aí eu lembro que eu levantei, assim, pra ir embora, e ele falou: “Vai embora, mesmo!” E eu fui? Você acha? Eu fui nada. Eu dei uma volta no quarteirão porque eu não consegui ir embora. E aí eu voltei, fiquei, sentei quieta ali, sem falar nada.

**ENTREVISTADORA –** Você tem ideia por que você não conseguiu ir embora?

**ALICE –** Eu gostava dele, né... Assim, eu gostava dele, muito. E eu acho que naquela época eu sentia que eu não ia conseguir viver sem ele. Aí entra eu acho que a dependência psicológica, sabe? Porque aí ele vai percebendo que ele tem controle e dominação, ele tinha controle e dominação sobre mim, entendeu? E aí a minha vida foi ficando um inferno. Porque sabe o que é você ter que pensar se o que você vai fazer vai incomodar o outro e vai despertar a besta-fera que existia dentro do outro, assim? Então, por exemplo, um dia eu fui comprar um Melhoral na farmácia e saí do carro e deixei a porta aberta. O fato de eu ter deixado a porta do carro aberta criou uma crise de 24 horas, a pessoa só berrava comigo. Aí a vida ficou assim, entendeu? Você vai não sabendo como se movimentar direito pra não criar uma confusão.

**ENTREVISTADORA –** E você nunca teve coragem de fazer nada?

**ALICE –** Ah, é que aí a vida foi seguindo, assim, também, foi... enfim, aí começa aquela história: o cara não aparece um dia, não aparece três, e aí você vai ficando meio assim, a vida foi ficando... eu fui seguindo um pouco a minha vida. Nessa época eu tive um caso com um amigo dele. E aí, nesse dia, eu chego em casa, assim, e eu tava com o tal amigo, né, e aí eu cheguei em casa e falei que tava com o... e aí não entrei em detalhes porque era normal a gente se encontrar junto, assim, como amigo, né, e aí a gente discutiu um pouco sobre isso, e tal, mas fomos dormir. E nessa época eu tava fazendo uma discoteca, tava arrumando os discos dele numa estante super bacana que eu tava montando, assim, uma coisa super bacana, tava legal que eu tava fazendo, e fui chamar ele no quarto pra ver. Pronto: ele vem feito uma besta-fera me cobrindo de porrada, por conta da história do outro. E me cobrindo de porrada, me imobiliza assim no chão, me prende no chão, e me batendo, e eu vou ficando apavorada com aquilo, aí eu tento sair daquilo, consigo me desvencilhar, e saio correndo pra porta, assim, de meia, descalça, chovendo pra cacete lá fora, e saio correndo porta afora no meio da chuva feito uma louca, com medo que ele venha atrás de mim. E ele corre pra porta e berra assim: “Vai, sua burguesa de merda!” E aí aparecem todas as diferenças, né? “Sua burguesa de merda!”, não sei mais o quê, e aí a burguesa de merda aqui foi se refugiar na casa da irmã. E nesse dia ele pegou minhas roupas todas, rasgou e pôs fogo. Uma loucura, né? Aí teve um amigo nosso que fez, enfim, armou um encontro da gente num lugar público, assim, uma... Não, uma junta de separação – mas num lugar público. Então estávamos lá nesse restaurante, todo mundo junto ali, e pra surpresa geral, em vez de rolar a separação a trouxa aqui volta pro cara.

**ALICE –** Ele pegou na minha mão, me olhou lacrimejante e disse: “Olha, isso nunca mais vai acontecer. Nunca mais vai acontecer.” E essa relação, esse tipo de relação tem uma coisa que ela acaba com a sua autoestima total, ela... Porque é um processo, eu acho. Eu não sei o quanto esse processo, ele é consciente o que outro faz, assim, mas o outro, ele vai tolhendo a tua vida e vai fazendo você acreditar que você é uma bosta, que você não existe, que a sua autoestima não existe, e aí você passa a ser um não-ser ao lado daquela pessoa, sabe? Onde é que tá o lado bom da história? O lado bom da história... Bom, na verdade é assim: tem uma coisa que eu não contei, assim, sei lá, eu acho que eu pulei essa parte, não sei por quê. Mas que é assim: a gente... ele um dia me levou na casa de um amigo. E lá ele me apresentou a cocaína – que era uma coisa que não era muito conhecida na época, né... E eu nunca tinha provado aquilo, e tal, e, nossa!, foi uma noite maravilhosa, adorei aquele troço. Foi, olha, uma coisa. E eu fiquei assim... Aí ele viaja e eu, que tinha adorado aquele troço e não tinha a menor noção da coisa, vou e ligo pro tal amigo e compro uma pedra pra fazer uma surpresa pra ele. Aí quando ele volta, que ele vê aquilo, ele se surpreende, ele fala: “Nossa...”, ele não acreditou, não tava no universo de possibilidades dele que eu pudesse fazer uma coisa daquelas. E a pedra virou, assim, uma festa, porque cheiramos, cheiramos, cheiramos... Por que eu tava te contando isso...? Ah, porque eu acho que rapidamente eu percebi que acontecia qualquer coisa: uma briga, uma discussão, um clima, eu saía e comprava o pó. Porque eu sabia que quando a gente cheirava junto a gente se entendia. E cheiramos muito juntos, altas viagens, assim, a gente... Teve uma vez que a gente cheirou, assim... enfim, a gente... uma vez a gente transou umas oito horas seguidas. E aí você vai me fazer a clássica pergunta: mas e o pau, não fica mole? Fica, mas não tem o menor problema. Porque tá tudo na cabeça, o barato tá na cabeça. E aí, assim, altas viagens, momentos incríveis eternizados pelo pó, né... Olha, eu acho que tem um momento que você... tem uma fração de clareza, assim... Eu acho que a minha fração de clareza veio num réveillon que eu passei sozinha, assim, sozinha. Aí ele chega no dia seguinte, assim, umas seis da manhã, aí pega um café, senta na beira da cama, assim, e fala que não veio porque tava com uma outra pessoa e que tava dividido entre essa outra pessoa e eu. Isso pra mim foi definitivo, assim, eu falei: “Olha, eu já aguentei tudo, mas isso eu não vou aguentar. Aí eu falei: “Olha, eu quero que você vá embora. Então pega as suas coisas e vai embora.” Porque ele não queria ir, né, ele queria ficar, viver as duas coisas e se decidir. Aí eu achei que aquilo era o limite do meu limite do meu limite, que com aquilo eu não ia conseguir dialogar. Mas aí teve... quer dizer, na verdade, na época uma outra coisa que foi muito determinante, assim, foi que na época a gente já tinha filho juntos. E eu tive filho numa época em que eu era viciada, eu era viciada mas eu era uma pessoa normal, eu trabalhava, eu tinha muito trabalho, até. Quando eu engravidei, eu parei de cheirar, eu consegui não cheirar. Mas aí depois logo eu voltei a cheirar e minha filha devia ter uns meses, assim, era uma criança de ficar muito no berço, e aí teve uma noite em casa que a gente cheirou muito, era noite de festa, cheiramos, cheiramos, cheiramos, e eu errei a mão e apaguei. E apaguei de um jeito estranho, porque eu não podia, eu não conseguia me mexer, eu não conseguia ver, eu não conseguia ficar... Mas eu ouvia, e aí eu ouvi ele ligando pro pronto-socorro, o pronto-socorro vindo, eu ouvia, né... A gente morava num beco, na época, assim, era difícil a passagem, eu ouvi o carro, era de madrugada, a ambulância não conseguia passar, e brecava, e vinha, aquela coisa, assim, tentando chegar, e aí me passou duas coisas, um pensamento pela cabeça – dois pensamentos na verdade, que um foi, assim: “Eu não vou morrer porque não tá passando o filme da minha vida na cabeça ainda”; e a outra coisa que eu pensei, assim, antes de apagar completamente, foi: “Eles vão me levar pro hospital, vai chegar a ambulância, vai me levar pro hospital e esse cara vai esquecer o neném no berço.” Isso pra mim foi definitivo, assim, porque... quando eu acordei, que eu não morri, eu pensei assim: “Porra, tem um neném no berço.” E aí eu acho que isso pra mim foi minha salvação, entende? Eu acho que o neném foi a minha redenção... o neném foi a minha redenção... Desculpa...

**JOÃO JARDIM –** Mas hoje em dia essa história você já superou ela, né, já passou.

**ALICE –** Ah, claro, mas a lembrança disso, assim, a aflição desse momento, assim, sei lá... Me pegou, desculpa, eu não tinha...

**ENTREVISTADORA –** Você nunca mais teve relação violenta com ninguém?

**ALICE –** Não, nunca mais. Assim, desse jeito, não. Mudou, né, a vida foi indo... Eu acho que foi indo pro outro lado, e foi muito tempo junto, assim, né... dois filhos... muita coisa aconteceu, assim... Eu acho que quando tem essa ruptura, essa ruptura, ela é muito emblemática, assim, eu acho que é uma coisa que muda a vida, mesmo... Nossa, já faz tanto tempo isso, tanto tempo que eu não achei que ia... que isso fosse me pegar assim, desculpa.

**LAURA –** Acabou?